

UM NOVO ATLAS DE PORTUGAL?

Pelo menos é este título, ATLAS DE PORTUGAL, que se inscreve em letras grandes na capa sóbria e aliciante desta nova produção da editorial SELECCOES DO READER'S DIGEST (PORTUGAL) S. A., acabada de publicar em Outubro de 1988. Mas, ao abrir e folhear este volume de 159 páginas, perde-se logo a ilusão de ter encontrado o instrumento de trabalho, há tanto esperado, capaz de substituir o *Atlas de Portugal* de A. DE AMORIM GIRÃO (segunda edição, 1958), esgotado e desactualizado. O título dado à obra, que não corresponde minimamente ao conteúdo, só se pode explicar pelo desejo de captar o largo público que sente a falta grave de um verdadeiro atlas do País.

O livro abre com 3 mapas a cores, que pretendem enquadrar Portugal, sucessivamente, no Mundo, na Eurásia e na Europa (pp. 4-8). Pena é que os 2 últimos mapas só apresentam um pequeno Portugal distorcido, perdido no canto inferior esquerdo da folha.

Aparecem a seguir (pp. 10-40) 3 úteis mapas corográficos de Portugal continental, nas escalas de 1:600 000, 1:1 000 000 e 1:400 000, e atraentes mapas na escala de 1:200 000 das diversas ilhas dos arquipélagos dos Açores e da Madeira, todos obra do Instituto Geográfico e Cadastral e que constituem, a bem dizer, as únicas folhas do livro que correspondem ao seu título. Acontece simplesmente que, comprado directamente no serviço de venda do Instituto, o primeiro destes mapas custa 420\$00 e o terceiro 370\$00, enquanto, ocupando aqui respectivamente 6 e 16 páginas, o primeiro é, na realidade, vendido a mais de 800\$00 e o segundo de 2200\$00, tomando unicamente em conta as 36 páginas de mapas que inclui o chamado «Atlas». Inconvenientes suplementares: estarem os mapas cortados aos pedaços e terem uma qualidade de impressão inferior aos originais. Verdade seja que a venda dos excelentes produtos do Instituto Geográfico e Cadastral continua anacronicamente difícil. É preciso saber encontrar uma sala perdida no meio do vetusto convento da Estrela... e depositar o bilhete de identidade à entrada, para obter o direito de comprar uns mapas que deviam estar à disposição fácil de todos os cidadãos e visitantes.

O «Atlas» continua por uma série de 13 notícias (pp. 42-88), que associam texto e mapas a cores, de boa qualidade informativa, por serem devidas a autores competentes, universitários ou responsáveis de serviços públicos, mas cheias de gralhas que deturpam às vezes gravemente o sentido, em virtude de os autores não terem tido acesso à correcção das provas. O que não se entende é a escolha dos temas, todos interessantes, mas que não constituem um retrato equilibrado do País (Geologia, Parques e reservas, Vegetação natural, Rios e bacias hidrográficas, O tempo e o clima, Pesca, Turismo, Actividades agrícolas, Actividades industriais, Património arquitectónico, O significado dos Descobrimientos portugueses, Comércio e exploração geográfica da África nos séculos XVIII e XIX). Porquê ter omitido, por exemplo, o Relevo de Portugal, a População, as Cidades, as Vias de comunicação, a História

do próprio País? Dá a impressão de uma escolha feita quase ao acaso, tentando aproveitar ao máximo textos já publicados, inclusive pela própria empresa.

Segue-se um curioso Almanaque (pp. 89-104), impresso em papel verde, que fornece as mais desconstruídas informações, sobre rios, concelhos, cursos universitários, parques de campismo e organizações internacionais, entre outras. Vem a seguir uma bonita colectânea de fotografias a cores (pp. 106-120) e um útil índice alfabético, mas inutilmente estirado em 37 páginas de papel amarelo, onde se repetem estranhamente duas vezes os dados referentes aos arquipélagos. Para finalizar, as contra-capas ostentam, também repetida duas vezes, a reprodução de uma edição tardia (1621) do mapa de Portugal de F. ALVARES SECO. Tudo isto pode ser comprado pelo «módico» preço de 5000\$00.

Lamenta-se que um título aliciante encubra portanto um amontoado de dados mal organizados. A editorial tinha, anteriormente, realizado duas obras de qualidade, *Tesouros Artísticos de Portugal*, em 1976, e *A Descoberta de Portugal*, em 1982, ambas de grande interesse para a divulgação de teor geográfico. O pretendo Atlas de Portugal não é digno das realizações que o precederam.

SUZANNE DAVEAU